

Algo grande e que seja amor (4): Como se descobre a vocação?

Há tantas histórias de vocação como pessoas. Neste artigo, mostram-se alguns dos marcos mais frequentes neste caminho pelo qual se obtém a convicção sobre a própria vocação.

20/02/2019

Faça o download do livro “**Algo grande e que seja amor**”

O sol já se pôs na Judeia. Nicodemos, inquieto, vai ter com Jesus. Procura respostas para o que está a fervilhar no seu interior. A chama de uma lamparina esculpe-lhes os rostos. O diálogo que se segue entre sussurros está cheio de mistério. As respostas do Nazareno às suas perguntas deixam-no perplexo. Jesus avisa-o: "O vento sopra onde quer e tu ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito"(Jo 3,8). A vocação, toda a vocação, é um mistério e a sua descoberta, um dom do Espírito.

O livro dos Provérbios diz: "Há três coisas que são um mistério para mim, e uma quarta que não comprehendo: o voo da águia nos céus, o rastro da cobra sobre a rocha, o rumo de um navio em pleno mar, e a atitude do homem para com a

donzela "(Pr 30,18-19). Com muito mais razão, quem, sem a ajuda de Deus, poderia seguir o rastro da graça numa alma, identificar o seu propósito e descobrir o significado e o destino de uma vida? Quem, sem ser guiado pelos dons do Espírito Santo, seria capaz de saber "de onde e para onde vai" esse sopro divino na alma, muitas vezes audível na forma de anseios, incertezas, presságios e promessas? É algo que nos supera completamente. Portanto, a primeira coisa de que precisamos para vislumbrar o nosso chamamento pessoal é a humildade: pôr-se de joelhos perante o inefável, abrir o nosso coração à ação do Espírito Santo, que sempre pode surpreender-nos.

Para descobrir a própria vocação, ou para ajudar alguém a fazê-lo, não é possível, portanto, "oferecer fórmulas pré-fabricadas, ou métodos ou regras rígidos" [1]. Seria como

tentar "pôr trilhos à ação sempre original do Espírito Santo" [2], que sopra onde quer. Numa ocasião, perguntaram ao Cardeal Ratzinger: "Quantos caminhos há para chegar a Deus?" Com simplicidade desconcertante, respondeu: "tantos quantos os homens" [3]. Há tantas histórias vocacionais quantas as pessoas. Neste texto mostraremos, para ajudar a reconhecê-los, alguns dos marcos mais frequentes nesse caminho através dos quais se obtém a convicção sobre a própria vocação.

Inquietação do coração

Nicodemos percebe uma inquietação no coração. Tinha ouvido Jesus pregar e ficou tocado. No entanto, alguns dos Seus ensinamentos escandalizaram-no. Tinha testemunhado os Seus milagres com assombro, sim, mas inquieta-o a autoridade com que Jesus expulsa os comerciantes do Templo, a que

chama de "a casa do Meu Pai" (cf. *Jo 2,16*). Quem se atreve a falar assim? Por outro lado, interiormente mal pode reprimir uma secreta esperança: Será este o Messias? Mas ainda está cheio de incertezas e dúvidas. Ainda não dá o passo de seguir abertamente Jesus, embora procure respostas. E é por isso que vem ter com Ele de noite: «Rabi, nós sabemos que Tu vieste da parte de Deus, como Mestre, porque ninguém pode realizar os sinais portentosos que Tu fazes, se Deus não estiver com ele.» (*Jo 3,2*). Nicodemos está inquieto.

O mesmo acontece com outras figuras evangélicas, como o jovem que um dia se aproxima de Jesus e Lhe pergunta: «Mestre, que hei de fazer de bom, para alcançar a vida eterna?» (*Mt 19,16*). Está insatisfeito. Tem o coração inquieto. Pensa que é capaz de mais. Jesus confirmará que a sua procura é fundamentada:

"falta-te uma coisa..." (Mc 10,21). Também podemos pensar nos apóstolos André e João. Jesus, vendo que O seguiam, pergunta-lhes: «Que procurais?» (Jo 1, 38). Uns e outros eram "buscadores": estavam à espera de um acontecimento maravilhoso que mudasse as suas vidas e os enchesse de aventura. Tinham a alma aberta e faminta, cheia de sonhos, anseios e desejos. Inquieta.

Certa ocasião, um jovem perguntou a S. Josemaria como se sentia a vocação para a Obra. A sua resposta foi: "Não é uma questão de sentir, meu filho, embora se perceba quando o Senhor chama. Está-se inquieto. Nota-se uma insatisfação... Não estás contente contigo mesmo!"[4]. Frequentemente, no processo de procura da própria vocação, tudo começa com esta inquietação de coração.

Uma presença amorosa

Mas em que consiste essa inquietação? De onde vem? Ao relatar a cena do jovem que se aproxima do Senhor, São Marcos diz que Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele (*Mc 10,21*). Assim faz também connosco: de alguma forma, percebemos na nossa alma a *presença* de um amor de predileção que nos escolhe para uma missão única. Deus está presente nos nossos corações e procura o *encontro*, a comunhão. No entanto, esse objetivo ainda está por ser alcançado e, daí a nossa inquietação.

Essa presença amorosa de Deus na alma pode manifestar-se de diferentes maneiras: anelos de uma maior intimidade com o Senhor; gosto por satisfazer com a minha vida a sede de Deus pelas almas; desejos de fazer crescer a Igreja, a família de Deus no mundo; anseio de uma vida em que os talentos recebidos realmente rendam; sonho

de aliviar tanto sofrimento em todos os lugares; a consciência de ser um agraciado: «Porquê eu e não os outros?»

O chamamento de Deus também pode ser revelado em acontecimentos aparentemente fortuitos, que nos tocam interiormente e deixam um rastro da sua passagem. Ao contemplar a própria vida, S. Josemaria explicou: "O Senhor preparou-me apesar de mim mesmo, com coisas aparentemente inocentes, que usou para colocar na minha alma aquela inquietação divina. Por isso, entendi muito bem esse amor, tão humano e tão divino, de Teresa do Menino Jesus, que se emociona quando, através das páginas de um livro, aparece uma gravura com a mão ferida do Redentor. Coisas desse estilo também aconteceram comigo, que me removeram"[5].

Outras vezes, essa presença amorosa descobre-se através de pessoas ou modos de viver o Evangelho que deixaram a marca de Deus na nossa alma. Porque, embora às vezes seja um acontecimento ou um encontro inesperado que muda as nossas vidas, é muito comum que o nosso chamamento tome forma a partir do que vivemos até àquele momento. Ou ainda, às vezes são algumas palavras da Sagrada Escritura que ferem a alma, nidificam dentro dela e ressoam docemente, talvez até para nos acompanhar por toda a vida. Isto aconteceu, por exemplo, a Santa Teresa de Calcutá com uma das palavras de Jesus na cruz: "Tenho sede" (Jo 19, 28); ou a S. Francisco Xavier, para quem esta questão foi decisiva: "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua vida?" (Mt 16,26).

Mas talvez o aspecto mais caraterístico dessa inquietação do

coração seja que ela toma a forma do que poderíamos chamar uma *simpatia antipática*. Com palavras de S. Paulo VI, o chamamento de Deus é apresentado como "uma voz que é perturbadora e tranquilizante ao mesmo tempo, uma voz doce e imperiosa, uma voz irritante e ao mesmo tempo amorosa" [6]. O chamamento atrai-nos ao mesmo tempo que produz rejeição; impele-nos a abandonar-nos no amor, enquanto nos assustamos com o risco da liberdade: "Resistimo-nos a dizer sim ao Senhor, quer-se e não se quer" [7].

Unir os pontos na oração

Nicodemos vai ter com Jesus impulsionado pela sua inquietação. A figura amável do Senhor já está presente no seu coração: já começou a amá-Lo, mas precisa de se encontrar com Ele. No diálogo que se segue, o Mestre abre-lhe novos

horizontes: «Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus.» e convida-o a uma nova vida, a um novo começo; nascer "da água e do Espírito" (*Jo 3,5*). Nicodemos não entende e pergunta simplesmente: e como pode ser isso? (cf. *Jo 3,9*). Nesse encontro face a face com Jesus, pouco a pouco, ir-se-á formando uma resposta sobre quem ele é para Jesus, e quem deve ser Jesus para ele.

Para que a inquietação do coração adquira um significado relevante no discernimento da própria vocação, deve ser lida, valorizada e interpretada na oração, no diálogo com Deus: "Porque acontece isto agora, Senhor? Que me queres dizer? Porquê estes anseios e inclinações no meu coração? Por que é que isto me incomoda e não aos que me rodeiam? Porque me amas tanto? Como fazer o melhor uso destes dons

que me deste?» Somente com esta disposição habitual de oração é que se vislumbra o cuidado amoroso de Deus - a Sua Providência - nos acontecimentos da nossa vida, nas pessoas que fomos encontrando, até mesmo na forma como o nosso caráter se foi moldando, com seus gostos e aptidões. É como se Deus, ao longo do caminho, tivesse colocado alguns pontos que, somente agora, unindo-os na oração, assumem a forma de um desenho reconhecível.

Bento XVI explicou assim: "O segredo da vocação está no relacionamento com Deus, na oração que cresce precisamente no silêncio interior, na capacidade de ouvir que Deus está próximo. E isso é verdade tanto antes da escolha, ou seja, no momento de decidir e partir, como depois, se se quiser perseverar e ser fiel ao longo do caminho"[8]. Portanto, para aqueles que se interrogam sobre a sua vocação, primeiro e fundamental

é aproximar-se de Jesus em oração e aprender a ver com os Seus olhos a própria vida. Talvez aconteça como àquele cego a quem Jesus unge com saliva nos olhos: ao princípio vê tudo turvo; Os homens parecem árvores a andar. Mas deixa que o Senhor insista, e acaba por ver tudo claramente (cf. *Mc 8,22-25*).

O detonador

Dois anos depois desse encontro noturno com Jesus, terá lugar um acontecimento que forçará Nicodemos a assumir uma posição definida e a dar-se a conhecer abertamente como um discípulo do Senhor. Instigado pelos príncipes dos sacerdotes e os fariseus, Pilatos crucifica Jesus de Nazaré. José de Arimateia consegue licença para retirar o Seu corpo e enterrá-Lo. E São João escreve: "Nicodemos, aquele que antes tinha ido ter com Jesus de noite, apareceu também" (*Jo 19,39*). A

cruz do Senhor, o abandono dos Seus discípulos e, talvez, o exemplo da fidelidade de José de Arimateia, interpelam pessoalmente Nicodemos e forçam-no a tomar uma decisão: "Outros fazem isto; que vou eu fazer com Jesus?

Um detonador é uma pequena quantidade de explosivo, mais sensível e menos potente, que é iniciado por meio de um pavio ou de uma faísca elétrica e, portanto, explode a massa principal de explosivo, menos sensível, mas mais poderosa. No processo de procura da vocação, muitas vezes há um acontecimento que, como detonador, atua sobre todas as preocupações do coração, e lhes faz cobrar um sentido preciso, apontando um caminho e encorajando a segui-lo. Este acontecimento pode ser muito diversificado e a sua carga emocional pode ter mais ou menos entidade. O importante, como acontece com a

inquietação do coração, é que seja lido e interpretado na oração.

O detonador pode ser uma moção divina na alma, ou o inesperado encontro com o sobrenatural, como aconteceu com o papa Francisco quando tinha cerca de 17 anos. Era um dia de setembro, e preparava-se para sair para festejar com os seus colegas. Mas decidiu passar pela sua paróquia primeiro. Quando chegou, encontrou-se com um padre que não conhecia; impressionou-se com o seu recolhimento, pelo que decidiu confessar-se a ele. «Nessa confissão algo estranho aconteceu comigo, não sei o que foi, mas mudou a minha vida; diria que me surpreenderam com as defesas baixas», evocou passado meio século. E interpretou assim: "Foi a surpresa, o espanto de um encontro; percebi que estavam esperando por mim. Daquele momento em diante, para mim, Deus

é o mais importante. Procuramo-Lo, mas Ele procura-nos primeiro»[9].

Outras vezes, o detonador será o exemplo da entrega de um amigo próximo: «o meu amigo entregou-se a Deus, e que tal eu?»; ou o seu amável convite para acompanhá-lo num caminho concreto: aquele «Vem e verás!» (Jo 1:46) de Filipe a Natanael. Pode até ser um acontecimento aparentemente trivial, mas cheio de significado para aquele que já tem a inquietação no seu coração. Deus sabe usar até mesmo coisas muito pequenas para remover a nossa alma. Foi o que aconteceu a S. Josemaria quando, no meio da neve, o Amor de Deus saiu ao seu encontro.

Muitas vezes, no entanto, mais do que uma detonação, é uma decantação, que ocorre simplesmente no gradual amadurecimento da fé e do amor,

através da oração. Pouco a pouco, quase sem se perceber, com a luz de Deus, chega-se a uma certeza moral sobre a vocação pessoal, e essa decisão é tomada com o impulso da graça. O Beato John Henry Newman descreveu brilhantemente esse processo, relembrando a sua conversão: "A certeza é instantânea, ocorre num momento específico; a dúvida, no entanto, é um processo. Eu ainda não estava perto da certeza. A certeza é uma ação reflexa: é saber que se sabe. E isso é algo que eu não tive até pouco antes da minha conversão. Mas (...) quem pode dizer o momento exato em que a ideia que se tem, como os pratos da balança, começa a mudar, e o que era mais provável a favor de um lado começa a ser a dúvida?" [10]. Este processo de decantação, no qual uma decisão de entrega é amadurecida pouco a pouco e sem sobressaltos, é na realidade normalmente muito mais seguro do que o provocado pelo

relâmpago fulgurante de um sinal externo, que pode facilmente deslumbrar-nos e confundir-nos.

Em qualquer caso, ao dar-se esse ponto de inflexão, não só se clarifica a nossa visão: também a nossa vontade é movida a abraçar esse caminho. Por isso, S. Josemaria escreveu: "Se me perguntarem como se nota o chamamento divino, como nos damos conta, direi que é uma visão nova da vida. É como se se acendesse uma luz dentro de nós; é um impulso misterioso»[11]. O chamamento é luz e impulso. Luz na nossa inteligência, iluminada pela fé, para ler a nossa vida; impulso no nosso coração, inflamado no amor de Deus, para desejar seguir o convite do Senhor, mesmo com aquela *simpatia antipática* característica das coisas de Deus. Portanto, convém que cada um peça "não apenas a luz para ver o seu caminho, mas também a

força para se unir à vontade divina"
[12].

A ajuda da direção espiritual

Não sabemos se Nicodemos consultou outros discípulos, antes ou depois de ver Jesus. Talvez tenha sido José de Arimateia quem o encorajou a seguir Jesus abertamente, sem temer os outros fariseus. Desta forma, o teria levado ao seu encontro definitivo com Jesus. É precisamente nisso que consiste o acompanhamento ou direção espiritual: poder contar com o conselho de quem caminha connosco; alguém que tenta viver em harmonia com Deus, que nos conhece e nos quer bem.

É verdade que o chamamento é sempre algo entre Deus e eu. Ninguém pode ver a vocação por mim. Ninguém pode decidir por mim. Deus dirige-se a mim, convida-me e dá-me a liberdade de

responder, e a sua graça para o fazer... a mim. No entanto, neste processo de discernimento e decisão, é de grande ajuda ter um guia especializado; entre outras coisas, para confirmar que tenho as aptidões objetivas necessárias para empreender esse caminho, e para assegurar a retidão da minha intenção ao tomar a decisão de me entregar a Deus. Por outro lado, como diz o Catecismo, um bom diretor espiritual pode tornar-se um mestre de oração [13]: alguém que nos ajuda a ler, amadurecer e interpretar as ansiedades do coração, inclinações e acontecimentos na nossa oração. Também nesse sentido, o seu trabalho ajudará a esclarecer a própria chamada. Finalmente, é alguém que talvez nos diga um dia, como São João a São Pedro, quando viu à distância o homem que lhes falava da margem: "É o Senhor" (Jo 21,7).

Em todo o caso, o discernimento é, em grande parte, um caminho pessoal; e assim é também a decisão final. O próprio Deus nos deixa livres. Mesmo depois do detonador. Portanto, após o momento inicial, é fácil que surjam dúvidas. Deus não para de nos acompanhar, mas fica a uma certa distância. É verdade que Ele fez tudo e continuará a fazê-lo, mas agora quer que demos o último passo com plena liberdade, com a liberdade do amor. Não quer escravos, quer filhos. E por isso, ocupa um lugar discreto, sem se impor à consciência, quase poderíamos dizer de "observador". Contempla-nos e espera paciente e humildemente pela nossa decisão.

"Conceberás no teu seio e darás à luz um filho" (*Lc 1, 31-32*). No instante de silêncio que se seguiu ao anúncio do Arcanjo São Gabriel, o mundo inteiro

parecia conter a respiração. A mensagem divina tinha sido entregue. A voz de Deus tinha-se deixado ouvir durante anos no coração da Virgem. Mas agora, Deus ficou em silêncio. E esperava. Tudo dependia da resposta livre daquela donzela de Nazaré. «Então Maria disse: «Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.» (Lc 1,38). Anos depois, ao pé da cruz, Santa Maria receberia das mãos de Nicodemos o cadáver do seu Filho. Que impressão faria neste discípulo recém-chegado ver como, no meio dessa dor imensa, a Mãe de Jesus aceitava e amava mais uma vez os caminhos de Deus: "Faça-se em mim segundo a tua palavra". Como não podemos dar tudo por um amor tão grande?

[1] S. Josemaria, *Carta 6.V.1945*, n. 42.

[2] Ibidem.

[3] J. Ratzinger, *O sal da terra*

[4] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, *Crónica*, 1974, vol. I, p. 529.

[5] *En diálogo con el Señor*, edición crítico-histórica, Rialp, Madrid 2017, p. 199.

[6] S. Paulo VI, Homilia, 14-X-1968.

[7] S. Josemaria, Notas de una reunião familiar, *Crónica*, 1972, p. 460.

[8] Bento XVI, Encontro com os jovens em Sulmona, 4-VII-2010.

[9] S. Rubin e F. Ambrogetti, Papa Francisco. *Conversas com Jorge Bergoglio*, Paulinas Editora, Lisboa 2013.

[10] Beato J.H. Newman, *Apologia pro vita sua*, Ciudadela, Madrid 2010, p. 215.

[11] *Carta* 9-I-1932, citado em *O Opus Dei na Igreja*, Lisboa, 1994.

[12] F. Ocáriz, «Luz para ver, força para querer», *Expresso*, 27-X-2018 (transcrito em www.opusdei.pt)

[13] Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, n. 2690.

José Brage

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de <https://opusdei.org/pt-pt/article/como-se-descobre-a-vocacao/> (14/01/2026)